

## “Aprendi que os pés têm olhos”: sobre a formação do analista<sup>1</sup>

Paula Frizzo<sup>2</sup>

A arte sempre esteve presente em minha vida. Quando criança, ouvia meu pai e minha mãe tocarem e cantarem juntos o tempo todo – caminho que eu mesma segui anos mais tarde. Em 1994, conheci, em um hospital psiquiátrico em que trabalhava, uma artista plástica que foi fundamental em meu encontro com as artes plásticas e que me proporcionou as mais diversas reflexões. Vou chamá-la de Cris.

Arte e psicanálise nasceram, para mim, de uma mesma experiência e se enlaçaram na mesma loucura. É a partir desse enlace primordial, que tento dar sentido à formação psicanalítica, somando a ele outras experiências que foram sendo agregadas ao longo do tempo.

Inspirada nas reflexões de uma psicanalista que utiliza a sua arte de cozinhar para temperar sua clínica psicanalítica, resolvi *temperar* essa escrita sobre a transmissão em psicanálise com a minha arte, oferecendo a minha versão dos fatos, em referência à introdução do primeiro livro do CEPdePA: *Formação psicanalítica: fatos e versões*, organizado por Viviane de Freitas Souto.

Falar sobre a formação do analista é também falar sobre a transmissão da psicanálise e sobre as questões que envolvem sua não regulamentação. O CEP, como instituição, tem um posicionamento contrário a tal regulamentação, apoiando-se

---

1 Ensaio inspirado em minha participação na mesa redonda “As novas sensibilidades na transmissão da Psicanálise”, na I Jornada Científica do CEPdePA/Serra, em Caxias do Sul – RS, em 21 de outubro de 2017.

2 Formação em Psicanálise pelo Arche-Instituto Caxiense de Psicanálise. Formação em Arteterapia pela Psiquê-Casa de Arterapia de Porto Alegre.

justamente nas questões que envolvem a transmissão da psicanálise, que se tratam obviamente do tripé psicanalítico (análise, estudo e supervisão), com as complexidades que esse tema envolve. Há quem tenha postulado um quarto pé que seria a instituição, que é importante. Na medida em que escolhemos uma instituição, temos de saber por que essa e não outra, pois isso já comunica sobre transferência com o movimento psicanalítico e com suas diversas rupturas, assim como é preciso compreender quais modelos e referenciais teóricos fazem mais sentido a cada um de nós.

Poderia mencionar que, entre as diversas características do CEP – que é a instituição de minha escolha –, está presente a horizontalidade, aspecto esse que possibilita estudar as mais diversas teorias da psicanálise, o que considero uma experiência fundamental. Porém, o tema que gostaria de destacar é o da verticalidade, não no sentido da endogamia e do poder, mas em seu aspecto da profundidade.

Então, pensei em utilizar como metáfora, para falar sobre o tripé psicanalítico, uma primeira vivência que envolve a arte-terapia, o montanhismo e uma oficina de escrita e uma segunda da minha experiência com Cris, que apresenta muita relação com a psicanálise – da forma como a compreendo.

A primeira vivência dividiu-se em três tempos. O primeiro tratou-se de um *workshop* que ocorreu no mesmo período em que fazia a formação em arte-terapia em meados do ano 2000. Tratava-se de uma prática sobre os sentidos. O ponto que quero destacar foi uma experiência de passar o dia com os olhos vendados, em silêncio, sem poder falar. Nesse dia, realizaram-se muitas atividades de pintura, escultura, entre outras. Uma, em especial, marcou-me mais profundamente, até porque as outras eu já havia realizado na formação: atravessar uma mata de olhos vendados. Havia um coordenador e alguns auxiliares para evitar acidentes, mas eles não nos tocavam nem falavam conosco. A direção para a travessia era dada pelo soar de um sino tibetano. O exercício durou em torno de três horas e foi absolutamente inesquecível.

Outros dois momentos ressignificaram esse primeiro. Descrevo, então, o segundo tempo da experiência. Certa vez, em 2008, tive de subir ao nono andar de um prédio, e o elevador estava estragado. Fui pela escada e, no meio de minha jornada, faltou luz. A primeira sensação foi de ficar muito desorientada e ansiosa,

pois eu estava em uma parte entre os andares e perdi a direção, de modo que só encontrava a parede. Era um tipo de escuridão a que os olhos não se acostumam. Acalmei-me e pensei: “eu já passei por isso, já caminhei no escuro”. Consegui, então, chegar ao meu destino.

O outro momento deu-se quando eu realizava uma trilha na cordilheira do Himalaia, no Nepal, no ano de 2010. Sem entrar nos detalhes dessa extraordinária aventura, apenas destacando os elementos que nos interessam, naquele dia, eu caminhava sozinha a mais de 4500m de altitude, na beirada de uma montanha com um precipício ao lado, em uma trilha, diria, “estreita”. Para quem acha que Caxias, Farroupilha e Nova Petrópolis têm cerração, não imagina como o tempo fecha no Himalaia. Embora não fosse escuro, não se enxergava nada, como dizem, “nem um palmo à frente do nariz”. Foi um segundo momento em que pensei: “eu consigo caminhar sem enxergar, eu já fiz isso antes” e completei, assim, o meu trajeto.

O terceiro tempo ocorreu em uma oficina de escrita de uma colega psicanalista, a quem sou muito grata (muitas vezes, uma pessoa não tem noção do que faz pela outra). Ela pedia que escrevêssemos tudo o que viesse à cabeça da forma como o material surgisse, aos moldes da “associação livre”. Realizei o exercício e, nos entremeios daquela confusão, eu escrevi a frase “*aprendi que os pés têm olhos*”. Vocês não podem imaginar o quanto essa frase foi significativa para mim, e é nesse ponto que faço a relação dessa vivência com o tripé psicanalítico.

Imaginem que a situação de análise é como um sujeito atravessando uma floresta “às cegas”, só que quem bate o sino dando a direção não é o analista, é o traumático – é em direção a ele que o analisando caminha, trazendo à análise as mais variadas formas de repetição na transferência; somente o analisando sabe para e por onde ir. O analista, por sua vez, está no escuro, mas não pode estar cego. O que sustenta a caminhada do analista e lhe dá a direção (o seu sino tibetano), para que ele não caia no precipício e leve junto seu analisando, é o tripé. Sua análise é que pode fazer a escuridão não ser um ponto cego e seus pés terem olhos. A supervisão pode ajudar a ver onde está a cegueira e por onde a dupla analista x analisando tem caminhado. E a teoria dá suporte para todos. Todos esses são balizadores da experiência. Quando o analisando entra no caos abissal de sua jornada,

é somente a confiança do analista de já ter passado por essa experiência regressiva da análise que pode ajudá-los – como afirma Winnicott (1969) – a sobreviver.

A segunda parte de meu relato, a qual gostaria de trazer, ocorreu através da participação em um atelier livre com Cris, a referida artista plástica do hospital psiquiátrico. Ela era minha chefe no setor de terapia ocupacional e convidou-me para abrir um atelier. Os olhos de Cris conduziram meu olhar para dimensões nunca vistas antes.

Trabalhávamos dentro da visão do que se chamavam “oficinas livres”, em que a pessoa escolhia os materiais com os quais queria trabalhar. Vou tomar como exemplo, para ilustrar, a pintura. Cada um fazia livremente o começo de sua obra. Em algum momento, Cris aproximava-se e abria janelas com as mãos, de forma a colocar uma lupa sobre algum detalhe. Mostrava minuciosamente o que havia ali, por vezes acrescentando algum efeito possível. Repetia esse mesmo método em diversos locais do quadro. O que acontecia, então, era que o sujeito, aos poucos, ia criando um conceito de estética e composição, de forma a fazer uma espécie de “tradução”, deixando a sua obra mais harmoniosa, mas conservando seu próprio estilo. Essa tradução não era uma cópia, ampliando o efeito para outras áreas do trabalho, mas se tratava da possibilidade de criar algo, levando consigo um conceito estético. É isto que se espera de um analista em sua formação: que desenvolva seu próprio estilo, que aprenda a escutar o inconsciente, que utilize modelos e conceitos, que não seja uma cópia alienada, mas um sujeito pensante.

Abrindo janelas, podemos nos encontrar com a profundidade dentro da ideia do tripé psicanalítico. No estudo – por meio de uma forma mais detalhista de compreender os conceitos –, o momento da escrita torna-se muito importante, pois é quando podemos ter essa vivência de imersão na teoria. Na supervisão, isso pode acontecer em razão de uma análise minuciosa da sessão, por vezes de uma única sessão em várias supervisões. Não há a necessidade de supervisionar todos os casos, levando em consideração a ideia da tradução, de que essa experiência nos ajudará na escuta de outros analisandos. Há alguns anos, um supervisor disse-me algo, nessa linha, que eu nunca esqueci: “a supervisão é para o analista e não para o analisando; é para o analista desenvolver a sua escuta”. Na análise, a profundidade é facilitada pela frequência das sessões, abrindo janelas para o inconsciente.

Dessa forma, a análise, a supervisão e o estudo podem fazer esse efeito de lupa que nos possibilita conhecer a profundidade e realizar a tradução. É na radicalidade da verticalidade da experiência, do detalhe, da minúcia, que penso que a transmissão é possível, tanto na análise, como no estudo, na supervisão. Freud chamou a psicanálise, no início, de psicologia profunda. Foi por meio de sua autoanálise que a psicanálise tornou-se possível. Foi na decepção com sua teoria do trauma e na análise de seus erros que a fantasia tomou um lugar de importância na cena psicanalítica. Foram os fracassos de Freud e as perdas que o levaram a avançar. Inspirados em seus passos e em suas sugestões, poderemos aprender – talvez para além de que os pés têm olhos – que a pele tem ouvidos e que o corpo tem escutas.

A prática psicanalítica é permeada pela subjetividade de cada indivíduo. Da arte de cozinhar, podem surgir as melhores receitas para a vida. Das oficinas de escrita, uma inspiração. Da pintura, da música, da poesia, do montanhismo, as vivências que dão sentido à existência. Todas essas experiências são validadas e significadas no divã em qual cada analista deita. Da arte de viver à arte da psicanálise, somos todos convocados pelas palavras de Freud (1937, p. 282): “Mas onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais de que necessitará em sua profissão? A resposta é: na análise de si mesmo, com a qual começa a sua preparação para a futura atividade.”.

Assim encerro essa reflexão, lembrando que, com meus pais, aprendi a ouvir as melodias da vida. Guiada pelos olhos de Cris, conheci o universo das cores, das luzes e das sombras. Com meus analistas, mergulhei em um universo onírico, cheio de fantasias e traumas, e conheci um *mundo estranho*.

Existe, porém, um ponto da jornada em que precisamos arrumar nossa bagagem, colocar na mochila tudo que aprendemos, todas as nossas ferramentas e seguirmos solitários. Há um ponto em que ninguém pode nem consegue nos acompanhar. Essa é a hora da criação, da tela em branco, de começarmos nossa escrita, nossa escultura – hora de enfrentar o pânico do desconhecido de nossa clínica. É bom que a bagagem seja farta; quanto maior a preparação, mais chance de sucesso na escalada. Levaremos certamente muitos referenciais, mas ficará faltando algo. Algo que só conheceremos em nossa jornada da alma nas trilhas da

vida. Foi na caminhada dos tempos de minha história que aprendi que *os pés têm olhos...* Isso ninguém nunca me contou.

## **REFERÊNCIAS**

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Edição Standard Brasileira, 4).

WINNICOTT, D. (1969). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: \_\_\_\_\_. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.